



Movimento Estudantil Popular Revolucionário

M E P R - Especial ENEG / www.mepr.org.br

A GEOGRAFIA DEVE SERVIR AO POVO!

Sendo impossível separar a produção de conhecimento da sua difusão, sendo impossível separar a luta em defesa do nosso currículo da luta por fazer a ciência uma arma para transformar a realidade, a grande questão que deve motivar todos os estudantes de Geografia é não apenas a preocupação com o seu curso universitário mas também e principalmente: a quem serve este curso, ou melhor, a quem?

Conhecer a realidade brasileira...para transformá-la!

Nós estudantes de Geografia temos que nos colocar a tarefa de conhecer profundamente a realidade brasileira. O conhecimento não pode ser, entretanto, uma mera apropriação de dados para serem colocados em alguma pesquisa sem qualquer objetivo de transformar aquela realidade aonde estamos intervindo. Como conhecer a dinâmica agrária ignorando as vozes dos camponeses que enfrentam dia-a-dia a violência do latifúndio? Como falar em segregação urbana sem ouvir a população das favelas e a massa de desabrigados (isto para ficar nos exemplos mais diretos)? O grande livro "Geografia da Fome", de Josué de Castro, nasceu exatamente da presença desse célebre cientista junto ao povo pobre do mangue e da sua preocupação com estes últimos. O estudante de Geografia, como diz aquela música, "tem de ir aonde o povo está".

Por tudo isso devemos combater, sem quartel, no movimento estudantil de Geografia, todas as tendências eleitoreiras e reformistas, que propugnam atrelar os estudantes ao velho processo de renovar a fé nesse ou naquele "político honesto", caminho esse que como prova o atual governo do PT só tem conduzido à derrota os estudantes e o povo brasileiros. Mas também não podemos advogar um movimento estudantil supostamente "apolítico", que se ocupe apenas com questões relativas ao curso, uma vez que, em primeiro lugar, a Geografia não é uma ilha separada da luta de classes e, em segundo lugar, isto nada tem de democrático ou mesmo "revolucionário": sob uma capa aparentemente crítica esse relativismo nada mais faz que reeditar o velho, mas muito velho corporativismo reacionário.

Do que precisamos é construir uma nova sociedade, e uma universidade à serviço do povo. E isto começa desde já: devemos, por um lado, fazer da Universidade caixa de ressonância das lutas do nosso povo, discutir seu trabalho, sua vida, sua luta, ir até às favelas e conhecer diretamente a dura realidade no campo brasileiro; e, por outro lado, trazer os operários e os camponeses para dentro da sala de aula, para ocupar os corredores das escolas e universidades, pois, como dizia Goethe, "a teoria é cinza, verde é a árvore da vida".



O MEPR e a luta por retomar o caminho revolucionário no Movimento Estudantil

Hoje, quando salta aos olhos aonde desembocou todo o eleitoralismo e oportunismo da UNE não são poucos os que falam em construir uma "nova UNE" (ainda que com outro nome) ou, ainda, que de nada adianta construir o movimento estudantil, que isso é "coisa do passado", etc, etc.

Não podemos aceitar isso, de modo algum! Quando rompemos com a UNE, em 1995, e conformamos em 2001 o Movimento Estudantil Popular Revolucionário, não o fizemos porque éramos visionários, ou porque era necessário escrever "do zero" a história do movimento estudantil brasileiro. Na verdade as páginas de luta que a juventude estudantil escreveu na história do nosso país, dos quais o ponto principal foi a heróica luta contra o regime militar nas décadas de 60 e 70, em que prevaleceu na direção do movimento estudantil brasileiro o caminho revolucionário (período em que ele foi ao mesmo tempo mais massivo e combativo), jamais poderão ser esquecidas e são prova mesmo de que é esse caminho que exige, mais do que nunca, ser retomado.

Atualmente, quando após mais de 20 anos de prevaletimento do caminho reformista-eleitoreiro no ME vimos a retomada das mobilizações da juventude em todo o país, com enfrentamentos com a polícia, ocupações de reitorias e greves estudantis, mais do que nunca torna-se necessário reconstruir um movimento estudantil democrático e revolucionário, que lute para defender a educação pública dos gravíssimos ataques a que vem sendo submetida, que lute por unificar e dar rumo às várias lutas dispersas que acontecem por todo o País, mas que ao mesmo tempo não pare por aí: um movimento estudantil que, servindo ao povo de todo coração, se disponha a lutar com o mesmo para transformar o nosso país e, derrubando as montanhas que são o imperialismo, a grande burguesia e o latifúndio, construa uma nova sociedade livre da dominação imperialista e da exploração do homem pelo homem.

É dessa construção que chamamos os estudantes de Geografia a fazer parte e cumprir o papel histórico que cabe à juventude de ser reserva e vanguarda de choque da revolução!

A heróica luta dos camponeses pela terra no Brasil:

Uma vez que o ENEG ocorre exatamente em Alagoas, Nordeste brasileiro, uma das regiões historicamente conflagrada pela luta entre milhares e milhões de camponeses sem terra ou com pouca terra, por um lado, e meia dúzia de latifundiários que enriquecem às custas da miséria extrema desses camponeses, ostentando há mais de cinco séculos imenso poder econômico e político, por outro, essa é sem dúvida uma importante oportunidade para discutir o papel do movimento estudantil diante dessa luta.

Basta pensarmos que Alagoas é, ao mesmo tempo, o Estado de algumas das mais ricas e “influentes” oligarquias brasileiras, como são as famílias Collor e Calheiros, e um dos Estados mais pobres do país, com a mais elevada taxa de mortalidade infantil de todo o território nacional (índice de 51,6 para cada mil nascidos vivos, mais que o dobro da média nacional que está em 25!) para visualizarmos muito concretamente essa relação entre opulência e miséria que estamos falando.



Camponeses da Liga dos Camponeses Pobres celebram tomada de terra

A Revolução Agrária e o papel dos estudantes brasileiros:

O oportunista Luis Inácio chegou a dizer, quando visitou as famílias de Santa Elina logo após o episódio que ficou conhecido como o “massacre” de Corumbiara, em Rondônia (1995), que se fizesse uma única coisa em seu governo esta seria a reforma agrária.

Após quase oito anos de governo, o que se vê?

Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Conflitos	983	660	880	925	1690	1801	1881	1657	1538	1170
Mortes	27	21	29	43	73	39	38	39	28	28

Levantamento da violência no campo - CPI

Estes números indicam um aumento ininterrupto da “violência no campo” (eufemismo para tentar descaracterizar a responsabilidade do sistema latifundiário e seus exércitos particulares) entre os anos de 2001 e 2005, e que durante o governo do PT não houve nenhuma reforma agrária mas, pelo contrário, um aumento da repressão sobre os camponeses. Não bastassem esses dados da própria CPI, o índice que verifica o aumento da concentração fundiária, GINI, divulgado pelo Censo agropecuário de 2006, apontou o Brasil como país de maior concentração fundiária do mundo! Some-se a isso a expansão da soja e da cana-de-açúcar até a fronteira da Amazônia, o aluguel de milhões de hectares desta para o “agronegócio”, e a declaração funesta do sr. Luis Inácio de que os usineiros eram os verdadeiros “heróis nacionais”. Imaginem!

Todo o dito mais acima torna evidente por si só que o velho Estado brasileiro, que secularmente tem suas mãos sujas de sangue camponês (o massacre de Canudos é exemplo histórico definitivo) nada fará para quebrar o monopólio da terra no Brasil. Por isso, diferentemente do caminho reformista e conciliador propugnado pela direção do MST (de colocar famílias para acampar anos a fio em beiras de estrada à espera da desapropriação da terra pelo INCRA) o único caminho real capaz de destruir o arcaico sistema latifundiário é o da **Revolução Agrária**, proposto e assumido pela Liga dos Camponeses Pobres, e que assenta-se no tripé de destruir o latifúndio, liberar as forças produtivas no campo e construir o poder político das massas organizadas.

A juventude estudantil sempre cumpriu e continua a cumprir importante papel nas imensas transformações históricas em curso. Devemos contribuir para esse processo de todas as formas possíveis: repercutindo a luta do povo pobre em geral, e do movimento camponês em particular, denunciando a permanente tentativa do Estado de criminalizar essa luta, colocar nosso conhecimento técnico a disposição das massas populares e nos deslocar ao campo para trabalhar, viver, lutar e aprender com os camponeses. O mesmo Estado, o mesmo sistema de Poder que trava o desenvolvimento científico nacional, desmonta a educação, provoca massacres nas favelas, esse é o mesmo responsável pela brutal repressão aos camponeses. Somente a união de todos os estudantes, operários, camponeses, explorados e oprimidos em geral é que poderá portanto, passo a passo, construir verdadeiramente um país com uma autêntica e Nova Democracia, que passe ininterruptamente ao socialismo!

TRIBUTO AO CAMPONÊS

Carlos Latuff

Surge na paisagem
um camponês de passagem
fitando a fazenda sem fim.

Em seu peito não há paz.
É sua convicção que o faz
caminhar decidido assim.

Pra que você entenda
o ódio dele pela fazenda
só sendo pobre enfim.

Solitário, o lavrador avança.
Um cavaleiro contra o castelo
tendo a foice como lança.

Os pistoleiros acham graça
enquanto deslizam cartuchos
pros seus rifles de caça.

Mas o camponês não estava sozinho.
Do horizonte que parecia deserto,
mais pessoas a caminho.
O sorriso do capataz,
agora então se desfaz.
O ímpeto do povo
que derrubou grades e portões,
fez cair também
os jagunços valentões.

Chega a polícia e seus pelotões
cujas fardas camufladas
só não camuflam as intenções.

Mas o camponês que enfrenta
malária e onça parda,
não tem medo de bicho
nem de jagunço de farda.

A terra que antes fôra
prostituída pelo fazendeiro,
volta agora as mãos do povo
seu destino verdadeiro.

Dela agora brotam lares
alimentos e esperança.
Porque não é questão de esperar,
quem luta é quem sempre alcança.